

# ROMPER O CIRCULO VICIOSO...

— *Raul Pilla*

**T**ENDO adquirido realidade, tornou-se o voto artigo grandemente negociável. E, mais do que negociável, amplamente negociado. Tal extensão tomou o negócio, que muitos dos nossos melhores homens públicos têm recusado candidatar-se, por não poderem competir no mercado. Eleição é hoje, em quase todo o país, coisa para argentários, negociastas, ou demagogos.

Qual será a causa do fenômeno que tira à nossa pobre democracia tôda substância? Querem vê-la alguns em imperfeições da legislação eleitoral. Não há duvida que alguma coisa se poderia fazer, melhorando-a. Por exemplo, o voto exclusivo em legenda e sub-legenda, segundo o modelar sistema uruguaio, dificultaria o negócio, deslocando-o para o seio dos partidos, onde facilmente se poderia exercer a fiscalização da Justiça Eleitoral e a dos próprios candidatos. A cédula oficial, libertando o eleitor da tutela dos cabos eleitorais, que não mais poderiam distribuir à boca da urna as cédulas negociadas, concorreria também para o mesmo resultado.

Estes são, porém, fatores secundários da venalidade eleitoral. A sua correção apenas a atenuara, sem a suprimir. A causa profunda e verdadeira reside nos próprios eleitores. A sua consciência cívica é o que está falhando. A grande número deles falta a noção da importância do ato eleitoral e da responsabilidade que êle envolve. Não percebem que, votando mal, isto é, sem atenção ao interesse comum, começam por prejudicar a si e aos seus, como partes que são, da coletividade. E evidentemente tal falta de consciência cívica o que predispõe à corrupção eleitoral. Nenhum verdadeiro cidadão, por mais obscuro, admitiria transação com o seu voto. O mal é essencialmente êsse: há muitos eleitores e poucos cidadãos.

Foi a longa ditadura estadonovista o que determinou a obliteração da consciência cívica. O que dela havia desapareceu com a continuada falta de uso e com a demagogia estabelecida no país pelo sr. Getúlio Vargas. Restabelecido o regime democrático, tivemos o voto, mas faltaram os cidadãos. Havia que fazer a reeducação cívica, muito mais difícil que a simples educação, porque esta simplesmente desenvolve faculdades e aquela deve também corrigir vícios.

Ora, para tal reeducação escolheu-se o pior instrumento possível, o sistema presidencial, que, reduzindo tôda a vida pública à conquista de posições, é por si mesmo incapaz de desenvolver a consciência cívica e sublimar a luta eleitoral. Estabeleceu-se um circulo vicioso, que cada vez mais se val fortalecendo: a má eleição perverte o regime; a perversão do regime piora a eleição. Quem o há de romper?